XI ENCONTRO SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: UMA VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

ANAIS DO ENCONTRO - ISSN 2237-1877

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Jequié, 28 e 29 de setembro de 2026

# CONTEÚDOS REPRESENTACIONAIS DE HOMENS ADULTOS JOVENS SOBRE MULHERES QUE VIVENCIAM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA

Isa Clara Andrade Souza[1]
Alana Cecília de Jesus Santos[2]
Tamiles Souza Oliveira[3]
Wallace Almeida Gonçalves[4]
Vanda Palmarella Rodrigues[5]
Juliana Costa Machado[6]

## Introdução

A violência contra a mulher constitui um importante problema de saúde pública, uma violação dos direitos humanos e uma expressão das desigualdades de gênero, manifestando-se de diferentes formas, incluindo violência física, sexual e psicológica, além de comportamentos de controle exercidos por parceiros ou ex-parceiros íntimos (OPAS, 2022). Estimativas globais indicam que aproximadamente uma em cada três mulheres já vivenciou violência física e/ou sexual por parceiro íntimo ou violência sexual por não parceiro ao longo da vida (WHO, 2026).

No Brasil, a violência doméstica e familiar permanece presente na experiência de parcela expressiva da população feminina. A Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher (DataSenado 2025), realizada com 21.641 mulheres de 16 anos ou mais, identificou que 27% declararam já ter sofrido violência doméstica ou familiar provocada por um homem ao longo da vida. Entre as mulheres que vivenciaram violência doméstica ou familiar nos 12 meses anteriores à pesquisa, 58% não comunicaram a agressão à autoridade policial, enquanto a família, a igreja e as Delegacias da Mulher apareceram entre os principais espaços procurados para apoio (Brasil, 2025).

[1] Fisioterapeuta. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. E-mail: fisioisaclaraandrades@gmail.com
[2] Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB, Campus de Jequié. Bolsista de Iniciação Científica da UESB. E-mail: 202320212@uesb.edu.br
[3] Enfermeira. Mestranda do PPGES da UESB, Campus de Jequié. E-mail: enfatamilesoliveira@gmail.com
[4] Fisioterapeuta. Mestrando do PPGES da UESB, Campus de Jequié. E-mail: wallacealmeidaaga@gmail.com
[5] Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem e do PPGES da UESB. E-mail: vprodrigues@uesb.edu.br
[6] Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem e do PPGES da UESB. E-mail: juliana.costa@uesb.edu.br

A compreensão da violência contra a mulher ultrapassa a identificação do ato agressivo, envolvendo relações sociais, culturais e históricas que influenciam a maneira como o fenômeno é interpretado e enfrentado. Nesse sentido, a Teoria das Representações Sociais permite compreender conhecimentos socialmente elaborados e compartilhados que orientam a interpretação da realidade e as práticas de indivíduos e grupos (Moscovici, 2012).

Estudos brasileiros fundamentados na Teoria das Representações Sociais demonstram que a violência doméstica pode ser associada a conteúdos como poder, relações de gênero, proteção e atuação institucional (Lago *et al*., 2024). Nesse sentido, investigar as representações sociais de homens adultos jovens sobre mulheres que vivenciam situações de violência torna-se relevante, por possibilitar compreender como esse grupo interpreta tais experiências, as dificuldades relacionadas à ruptura de relações violentas e os recursos considerados necessários para o enfrentamento.

## Objetivo

Compreender os conteúdos das representações construídas por homens adultos jovens sobre mulheres que vivenciam situações de violência

## Métodos

Trata-se de estudo qualitativo, fundamentado na Teoria das Representações Sociais, desenvolvido como recorte do projeto "Representações Sociais de Homens Adultos Jovens sobre a Violência contra a Mulher", realizado em uma universidade pública do interior da Bahia.

Os dados foram coletados a partir da entrevista semiestruturada no período de abril a junho de 2026. Foram considerados homens adultos jovens, autodeclarados, com idade entre 19 e 24 anos, matriculados em cursos de graduação da universidade. Foram excluídos aqueles afastados das atividades acadêmicas por situação de saúde. Para as entrevistas semiestruturada participaram 30 homens, considerando-se a saturação empírica dos dados.

Os participantes pertenciam aos cursos de Fisioterapia, Enfermagem, Letras, Medicina, Biologia, Matemática, Farmácia e Educação Física. A coleta foi realizada individualmente, em sala reservada na universidade, mediante roteiro de entrevista. As entrevistas foram gravadas, mediante consentimento, e posteriormente transcritas. Para este resumo, analisou-se a questão: "O que você pensa sobre mulheres que vivenciam a situação de violência?".

Os dados foram submetidos à análise de conteúdo das entrevistas, a partir da identificação, organização e interpretação dos conteúdos recorrentes nas falas dos participantes, posteriormente agrupados em categorias temáticas. A interpretação dos achados foi realizada à luz da Teoria das Representações Sociais, considerando os sentidos compartilhados identificados no conjunto das entrevistas (Bardin, 2016; Moscovici, 2012).

O estudo observou os princípios éticos previstos nas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UESB, sob parecer nº 6.686.958/2024 e CAAE nº 77764124.0.0000.0055.

## Resultados e Discussão

O estudo contou com a participação de 30 homens adultos jovens, com idades entre 19 e 24 anos e média de 21,3 anos. O grupo contemplou participantes inseridos em diferentes períodos da formação acadêmica, conferindo heterogeneidade quanto às áreas de graduação representadas.

A análise das entrevistas evidenciou conteúdos recorrentes relacionados ao medo e à dificuldade de pedir ajuda, à dependência econômica, à necessidade de apoio, ao reconhecimento das desigualdades sociais, à dificuldade de romper o ciclo de violência, à dependência emocional, à perseguição e às ameaças. Esses conteúdos foram considerados na organização das categorias temáticas da análise e, posteriormente, interpretados à luz da Teoria das Representações Sociais.

O medo apareceu associado à dificuldade de procurar ajuda e à permanência da mulher na situação de violência:

> *"[...] O medo de serem julgadas, o medo de acabar largando essa pessoa, o medo dessa pessoa fazer alguma coisa com ela [...]"* (Participante 28).

A fala aponta que o participante não interpreta a ausência de denúncia simplesmente como falta de iniciativa, mas relaciona o silêncio ao medo de consequências posteriores. Estudos qualitativos sobre busca formal de ajuda também identificam o medo do agressor como uma barreira relevante, juntamente com outras condições relacionadas ao acesso aos serviços (Ghoshal *et al*., 2024).

A dependência econômica foi associada à dificuldade de afastamento:

> *"[...] tem maridos que não deixam trabalhar, ficam reféns daquela renda [...]"* (Participante 15).

O relato aproxima-se do conceito de violência financeira, que compreende estratégias de restrição e exploração dos recursos financeiros da mulher. Em estudo com mulheres que buscavam atendimento em razão de violência por parceiro íntimo, foram identificadas diferentes manifestações de abuso econômico relacionadas à saúde financeira e ao controle dos recursos (Adams *et al*., 2024). A fala do participante também evidencia a compreensão de que o enfrentamento demanda apoio psicológico e institucional. Essa compreensão dialoga com estudos que demonstram a importância das redes informais na busca de ajuda. Em análise com 72.320 mulheres na Índia, um estudo identificou que apenas 14,2% das mulheres que haviam vivenciado violência física e/ou sexual por parceiro íntimo buscaram algum tipo de ajuda, sendo a família uma das principais fontes de apoio informal (Hulley *et al*., 2023).

O Participante 19 questionou a ideia de uma experiência homogênea:

> *"Que mulheres a gente tá falando? [...] uma mulher rica, privilegiada, branca, estudada, ou [...] uma mulher periférica, que não tem muitos estudos?"*.

A fala expressa um conteúdo relacionado às relações de gênero, que, no conjunto das entrevistas, articula-se a uma compreensão da violência atravessada por condições como raça, classe e território. Essa compreensão encontra aproximação em um estudo brasileiro com mulheres negras em relacionamentos inter-raciais, que identificou intersecções entre racismo e violência doméstica, evidenciando que as experiências de violência podem assumir especificidades relacionadas às relações raciais e de gênero (Bastos; Souza, 2024).

> *"A primeira coisa que vem na minha cabeça [...] é me trazer uma tristeza de que para uma pessoa que está fora dessa convivência [...] acha que é tão fácil de sair [...] mas a real é que é extremamente difícil sair disso." (*Participante 25).

A fala evidencia uma compreensão da ruptura como processo complexo. Essa perspectiva é compatível com estudos que descrevem múltiplas barreiras à saída de relações abusivas e demonstram que a violência pode persistir após a separação, por meio de controle, ameaças e perseguição (Hulley *et al*., 2023).

Participante 26 destacou a dependência emocional e a extensão das ameaças à rede de relações da mulher:

> *"Existe toda uma questão de dependência emocional muito grande, existe a questão de perseguição desse agressor, de ameaça contra pessoas, além de contra ela mesma [...]"*.

A fala amplia a compreensão da violência para além da agressão direta, incorporando perseguição, ameaças e controle. Esse conteúdo também é observado na literatura sobre violência após a separação, que identifica a continuidade de estratégias de controle e intimidação por ex-parceiros (Hulley *et al*., 2023).

De acordo com a Teoria das Representações Sociais, esses conteúdos podem ser compreendidos como conhecimentos construídos e compartilhados socialmente, por meio dos quais os participantes atribuem sentidos às experiências de violência e às condições que envolvem sua permanência e enfrentamento (Moscovici, 2012). Nesse sentido, os elementos presentes nas falas não aparecem de forma isolada, mas articulados na construção de uma compreensão social sobre a mulher em situação de violência (Moscovici, 2012). Essa perspectiva permite compreender como os sentidos compartilhados pelos participantes organizam a interpretação do fenômeno para além do ato agressivo, incorporando aspectos relacionais e sociais que atravessam a experiência da violência.

## Conclusão

As representações sociais dos homens adultos jovens participantes deste estudo sobre mulheres que vivenciam situações de violência foram marcadas pelo reconhecimento do medo, da dependência econômica e emocional, da necessidade de apoio, das ameaças e das dificuldades relacionadas à ruptura de relações violentas. As falas também evidenciaram a compreensão de que as experiências das mulheres não são uniformes, sendo atravessadas por diferentes condições sociais. A presença de conteúdos relacionados a raça, classe, território, dependência e acesso à proteção amplia a compreensão da violência para além do episódio de agressão.

Nesse sentido, os achados indicam a importância de compreender a violência contra a mulher considerando os fatores relacionais e sociais que interferem na busca por ajuda, na proteção e na possibilidade de afastamento do agressor. A análise das representações construídas por homens adultos jovens pode subsidiar ações educativas e estratégias de prevenção voltadas à problematização das relações de gênero e das concepções masculinas sobre violência e enfrentamento.

**Descritores:** Violência contra a Mulher; Representações Sociais; Homens.

**Referências:**

ADAMS, Adrienne E. *et al*. An exploratory study of financial health as an antecedent of economic abuse among women seeking help for intimate partner violence. **Violence Against Women**, [*s. l*.], v. 30, n. 15-16, p. 3825-3853, 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BASTOS, Jennifer Ester de Sousa; SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo. Sentidos atribuídos por mulheres negras em relacionamentos inter-raciais: intersecções entre racismo e violência doméstica. **Psicologia & Sociedade,** [*s. l.*], v. 36, e277232, 2024.

BRASIL. Senado Federal. Instituto de Pesquisa DataSenado. Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher: **DataSenado 2025.** Brasília, DF: Senado Federal, 2025. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=pesquisa-nacional-de-violencia-contra-a-mulher-datasenado-2025. Acesso em: 15 set. 2026.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública: 2025. São Paulo: **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2025. Disponível em: https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/c3605778-37b3-4ad6-8239-94e4cb236444. Acesso em: 15 set. 2026.

HULLEY, Joanne *et al*. Continuous traumatic stress: examining the experiences and support needs of women after separation from an abusive partner. **Journal of Interpersonal Violence**, [*s. l.*], v. 38, n. 9-10, 2023.

LAGO, Aldina de Santana *et al*. Violência doméstica contra a mulher: um estudo de representações sociais com policiais militares. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 16, n. 2, e16262368, 2024.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, Maria Edna Bezerra; ANUCIAÇÃO, Diana; TRAD, Leny Alves Bonfim. Violência e vulnerabilização: o cotidiano de jovens negros e negras em periferias de duas capitais brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, e04402023, 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Violence against women. Geneva: **World Health Organization,** 2026. Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women. Acesso em: 14 set. 2026.

**Utilização da Inteligência Artificial Generativa:** A ferramenta de inteligência artificial generativa Claude foi utilizada exclusivamente na etapa final deste trabalho, como recurso auxiliar para a revisão linguística, ortográfica e gramatical, bem como para o aprimoramento da coesão, da clareza e da adequação do texto. A ferramenta não foi empregada no levantamento bibliográfico, na seleção e triagem dos estudos, na análise ou interpretação dos dados, nem na elaboração do conteúdo científico original. A concepção da pesquisa, a análise crítica, a tomada de decisões metodológicas e a elaboração do trabalho são de responsabilidade integral e exclusiva dos autores.

**Eixo Temático 1:** A saúde coletiva no enfrentamento da violência